

PERSPECTIVAS DE MULHERES NA PANDEMIA DE COVID-19: O PARADOXO DO CUIDADO

MYLENA GRAEBNER PEREIRA¹; RAFAELA SOARES VILLAR²; ROBERTA DA LUZ³; CAMILA PEIXOTO FARIAS⁴; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI⁵

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – graebnermylena@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – rafaelasvillar@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – luzzroberta@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – pfcamila@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – giovana.luczinsk@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir do projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”. A partir desta pesquisa, o texto que trazemos aqui tem como temática a perspectiva das mulheres sobre o cuidado durante a pandemia de COVID-19, tendo como delimitação inicial o recorte de mulheres que foram demitidas nesse período. O projeto de pesquisa mais amplo, o qual nos subsidia, nasce no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), articulado ao Núcleo de estudos e pesquisa em Psicanálise - Pulsional e ao Laboratório de Fenomenologia e Psicologia existencial Epoché, em parceria com o Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo Marginalia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa teve início em maio de 2020 com o objetivo central de compreender as possíveis repercussões psíquicas e sociais que se desdobram da pandemia de COVID-19 na vida das mulheres.

Partindo do pressuposto de que cada mulher, atravessada por seus marcadores sociais de classe, raça e gênero, vivencia uma realidade singular da pandemia, os dados da pesquisa foram analisados com um olhar atento a essas singularidades. Dessa forma, foi possível perceber a grande influência de uma lógica que atravessa essa experiência de ser mulher, fazendo com que as narrativas individuais se repetissem de forma a provocar reverberações nas pesquisadoras. A partir desse diálogo com os dados, iniciamos uma discussão sobre os relatos que traziam aspectos ligados ao cuidado, com o objetivo de tentar entender que tipo de cuidado é esse, por que ele se fez tão presente nas narrativas e, principalmente, o quão paradoxal ele se fazia diante do momento pandêmico e a situação de desemprego que essas mulheres viviam. Nesse sentido, pretendemos, a partir do presente trabalho, refletir brevemente sobre o que encontramos e nomeamos enquanto um “paradoxo do cuidado”, com o objetivo de tensionar e provocar questionamentos acerca dessa temática.

2. METODOLOGIA

A pesquisa que subsidia nosso recorte foi desenvolvida a partir da análise de dados coletados em questionário online, disponibilizado e divulgado do dia 24 de maio de 2020 ao dia 07 de junho de 2020. As participantes do questionário responderam perguntas de cunho quantitativo e qualitativo, dispondo, ao todo, de 32 questões que englobam aspectos como renda, raça, orientação sexual e, também, perguntas que convidaram as participantes a construírem narrativas sobre si mesmas. A discussão na qual aprofundaremos nosso trabalho surgiu a partir do cruzamento entre as respostas de três perguntas qualitativas do questionário, são elas: “Você tem conseguido cuidar de si mesma? Se sim, como você tem feito isso? Se não, por quê?”; “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?” e “Relate as principais transformações que a pandemia de COVID-19 causou na sua vida”.

Realizamos um movimento de encontro cuidadoso e atento às narrativas de pesquisa por estarmos ancoradas em métodos que se baseiam no entrelace do teórico com o subjetivo. A pesquisa se debruça sobre os dados por meio dos métodos psicanalítico e fenomenológico, em diálogo com o campo dos estudos feministas e de gênero. Nesse sentido, um ponto de convergência que nos guia entre os métodos citados é a construção de saberes atentos ao contexto sócio-histórico cultural e político e, também, subjetivamente implicados. Não se propondo, então, a construir verdades únicas, ou seja, não tendo a pretensão de produzir saberes universais e replicáveis, mas, sim, parciais e subjetivados (DOCKHORN, MACEDO, 2015; FIGUEIREDO, MINERBO, 2006; HARAWAY, 2009; MOREIRA, 2002).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como estratégia metodológica foi delimitado um primeiro recorte, o qual consiste em mulheres demitidas durante a pandemia. Neste recorte, no qual estão 2% do número geral de participantes da pesquisa, obtivemos 70,6% de respondentes mulheres brancas e 29,4% mulheres negras (15,6% pretas e 13,8% pardas); 79,8% heterossexuais, 6,4% homossexuais, 12,8% bissexuais e 1% outra orientação sexual. No quesito renda, 55% ganhavam de 0 a 1 salários mínimos, enquanto 24,8% declararam de 1 a 2, 10,1% de 2 a 4, 3,7% de 4 a 6 salários, 1,8% de 6 a 8 e 4,6% recebiam mais de 8 salários mínimos. Acreditamos que esses dados são fundamentais para pensarmos a vivência dessas mulheres e suas narrativas, sempre levando em consideração seus marcadores sociais.

Levando em consideração os dados quantitativos, outra delimitação foi feita para, então, termos o recorte referente ao paradoxo do cuidado de si na pandemia pela perspectiva de mulheres que perderam o emprego nesse período. Ao entrarmos em contato com as respostas referentes ao cuidado de si, foi possível observar que a grande maioria traziam formas de cuidado centralizadas no corpo, em especial atividades ligadas à estética ou exercícios físicos. A partir disso, começamos a refletir sobre qual espaço tem o corpo na concepção de cuidado que permeia o imaginário social, mais especificamente quando estamos pensando o cuidado articulado ao gênero. No entanto, cabe ressaltar que esse olhar que provocou estranhamento diante das narrativas sobre o cuidado só foi possível diante de dois pontos principais: o recorte inicial de mulheres que perderam o emprego e, também, a suposta contradição entre as respostas da pergunta sobre o cuidado em comparação com as demais.

Isso que nomeamos aqui enquanto estranhamento acontece quando encontramos, neste momento da pesquisa, mulheres que relataram insegurança alimentar, ideia suicida, desânimo constante, mas, quando questionadas sobre o cuidado, respondem:

“(…) já fiz coisas que na rotina louca de trabalho eu não conseguia, agora cuido da pele, cabelos, unhas. mesmo para ficar só em casa, a vaidade feminina está a mil” (participante 4)

“Tento. Porém existe uma sobrecarga de tarefas. Com ajuda da internet venho buscando o aprendizado sobre como resgatar o feminino” (participante 94)

“De uns tempos pra cá sim, tenho cuidado da minha imagem fazendo hidratação no cabelo, na pele, cuidando das unhas e me permitindo sentir tudo sem me culpar.” (participante 106)

Essas são apenas algumas das diversas respostas que nos conduziram para a presente temática. Nos questionamos, constantemente, como era possível e porque o cuidado parecia estar tão centralizado no corpo e na estética, mesmo diante de um cenário precário e ameaçador, o qual colocava, principalmente no

momento inicial da pandemia, a vida em risco. WOLF (2020) no seu livro “O Mito da Beleza” nos ajuda a pensar quando aborda o quanto a noção de beleza está vinculada ao ideal de saúde, fazendo com que mulheres acreditem que a beleza, segundo os padrões, é sinônimo de estar saudável. Essa ligação faz ainda mais sentido quando pensamos no momento em que essas narrativas foram escritas, onde o adoecimento era o maior medo presente. Para além da lógica patriarcal que liga o cuidado com a estética que as mulheres estão inseridas, dentro do nosso recorte encontramos uma pressão que parece ainda maior.

NAOMI WOLF (2020) afirma que assim que as mulheres começaram a inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, começaram a ter maior independência econômica, a discriminação pela beleza e a imposição de um estereótipo dentro do ambiente de trabalho se tornaram necessários para barrar o avanço dessas mulheres. Essa questão faz com que o investimento do cuidado voltado à estética se acentue, mesmo diante de um sofrimento que, à primeira vista, parece muito mais urgente.

LIMA (2019) aborda o cuidado como algo essencial desde antes do nascimento, evidenciando que inicialmente ele é feito por outra pessoa para que, em seguida, a criança receba ensinamentos de cuidados consigo mesmo e com todos e tudo que o cerca. Essa construção do cuidado não é universal e homogênea, mas está diretamente ligada ao gênero e a hábitos culturais e sociais que constituem a sociedade. Conseqüentemente, a ligação direta do cuidado com as questões corporais está articulada a uma lógica social patriarcal que impõe às mulheres a necessidade de se encaixar em padrões, o que faz com que ocupem grande parte do seu tempo com atividades relacionadas ao seu corpo. Durante a pandemia essa pressão parece ter se acentuado com discursos de que agora os sujeitos teriam mais tempo livre, além do amplo acesso a redes sociais que diariamente expõe imagens e informações sobre estéticas corporais que parece ter feito com que muitas mulheres se culpassem por não estar conseguindo se cuidar da forma “correta”.

Em caminho semelhante, BIRMAN (2014) nos dá algumas pistas para pensarmos o lugar do corpo na contemporaneidade quando aponta para o corpo como um bem supremo para os sujeitos, ou seja, como o objeto central no processo de investimento, que, por vezes, pode estar desconexo de necessidades inclusive orgânicas. Para falar desse ponto o autor relata sobre a prática excessiva de exercícios que desconsideram sinais de cansaço, por exemplo (BIRMAN, 2014) e então, aqui, pensamos ser possível aproximar da lógica de cuidado que encontramos descrita pelas mulheres, as quais estão prioritariamente ancoradas no corpo e na estética, desconsiderando, a primeira vista, questões de emergência em saúde.

No entanto, não podemos perder de vista que esses aspectos, apesar de nos ajudarem a pensar nas narrativas que encontramos na pesquisa, não podem ser considerados sem articularmos com as discussões de gênero, bem como com o contexto do desemprego. Pensamos isso ao considerarmos, por exemplo, a alta exigência que as mulheres enfrentam para reinserção no mercado de trabalho, como pontuamos brevemente acima. Nesse sentido, o autor nos faz pensar em um movimento de “suposto” cuidado presente na contemporaneidade, o qual parece estar a serviço da desconexão de si e do próprio corpo, mas, sobretudo, parece ser um cuidado que não está relacionado a investimento propriamente dito, mas a uma submissão ao outro (BIRMAN, 2014), a um padrão, principalmente se articularmos a questões relativas ao gênero. Cabe ressaltar que esse padrão imposto e exigido está marcado pela lógica racista, capitalista e

patriarcal, ou seja, é, para além da estética que atravessa as mulheres em geral, um padrão sobretudo branco, e, também, heteronormativo, relacionado a uma alta performance de feminilidade, por exemplo, nos exigindo um olhar crítico e interseccional para o fenômeno que analisamos (AKOTIRENE, 2019).

Tendo isso posto, questionamos se esse cuidado centralizado na estética e no corpo não está em consonância com as exigências que as mulheres enfrentam para, por exemplo, retornarem ao mercado de trabalho. Se o que o autor nomeia enquanto “bem supremo” (BIRMAN, 2014), esse corpo estético e performático, não seria, então, uma exigência externa colocada às mulheres. No entanto, fazemos esse questionamento sem perder de vista o nível de complexidade que a discussão parece nos exigir, na medida em que, ainda que a resposta das mulheres sobre suas práticas de cuidado pareça estar correspondendo a uma exigência do real, ancorada no social e engendrada pela lógica capitalista e patriarcal, parece haver, ainda, um nível de desconexão. Nesse sentido, pensamos que pode haver a internalização das práticas de cuidado como sendo ligadas à estética e ao corpo, sem, necessariamente, fazer uma correlação consciente da imposição social que há nessas práticas, como tentamos explicitar em nossa discussão.

4. CONCLUSÕES

Em meio às angústias e medos relatados por conta do momento pandêmico em que as narrativas foram escritas e a situação de desemprego que essas mulheres se encontravam, a forma de cuidado voltada à estética retrata um paradoxo existente. Diante disso, entender a internalização dessa forma de cuidado como a principal, mesmo dentro do contexto de tantas ameaças vivido por essas mulheres faz com que nos deparemos com uma falsa ideia de cuidado que está vinculada à saúde. Porém, essa lógica parece mascarar uma real necessidade de cuidado que passa por âmbitos tanto físicos, quanto psíquicos e sociais. Assim, a estética como sinônimo de saúde parece gerar uma desconexão com o corpo, impedindo que realmente seja feito um cuidado alicerçado na singularidade das experiências vividas. Por meio desse recorte que nos propomos a analisar foi possível ter noção do quão esse ideal de cuidado está presente na vida dessas mulheres. Todavia, essas narrativas não estão restritas a essa parcela analisada, sendo visível a presença desse discurso nas narrativas de outros recortes. Assim, a discussão e a análise crítica sobre o cuidado se torna essencial para que ele efetivamente possa ocorrer tanto individual quanto coletivamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, K. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra. 2019.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACÉDO, M. M. K. Estratégia Clínico-Interpretativa:: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.
- LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Gestalt-terapia e Cuidado. **Estud. psicol. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. spe, p. 1051-1066, dez. 2019.
- MOREIRA, D. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.
- WOLF, N. **O Mito da Beleza**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 2020.